



A  
Rainha  
de  
Tearling  
Erika Johansen

Tradução  
Cássio de Arantes Leite



Copyright © 2014 by Erika Johansen

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Queen of the Tearling

*Capa*

Thiago de Barros

*Ilustração do mapa*

Rodica Prato

*Preparação*

Mariana Calil

Carolina Vaz

*Revisão*

Isabel Cury

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Johansen, Erika

A rainha de Tearling / Erika Johansen;  
tradução Cássio de Arantes Leite. – 1<sup>a</sup> ed. –  
Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2017.

Título original: The Queen of the Tearling  
ISBN 978-85-5651-028-0

1. Ficção de fantasia 2. Ficção norte-americana  
3. Literatura juvenil I. Título.

---

16-09190

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia: Literatura norte-americana  
813.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 — Sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# **LIVRO I**

# O décimo cavalo

*A rainha Glynn — Kelsea Raleigh Glynn, sétima rainha de Tearling. Também conhecida como: a Rainha Marcada. Criada por Carlin e Bartholemew (Barty, o Bondoso) Glynn. Mãe: rainha Elyssa Raleigh. Pai: desconhecido. Ver apêndice XI para especulações.*

— *A antiga história de Tearling, CONTADA POR MERWINIAN*

Kelsea Glynn estava sentada, imóvel, observando a tropa se aproximar de seu lar. Os homens cavalgavam em formação militar, ladeados por alguns batedores, todos vestidos com os trajes cinza da guarda real de Tearling. Os mantos dos cavaleiros tremulavam com o galopar dos animais, revelando suas armas sumptuosas: espadas e facas, todas feitas de aço Mortmesne. Um deles até carregava uma clava; Kelsea via a cabeça dentada projetando-se da sela. O modo taciturno como conduziam os cavalos na direção do chalé não deixava dúvidas: não queriam estar ali.

Kelsea estava envolta em um manto com capuz, sentada em uma forquilha no topo de uma árvore a cerca de dez metros da porta de casa. Vestia-se em tons verde-escuros do capuz às botas cor de pinho. E tinha uma safira pendurada em uma corrente de prata no pescoço. A joia possuía o hábito irritante de escapar da camisa de Kelsea minutos após a menina escondê-la lá dentro, o que era bem apropriado, já que naquele dia a safira foi a fonte de seus problemas.

Nove cavaleiros, dez cavalos.

Os soldados se aproximaram do trecho de terra batida diante do chalé e desmontaram. Quando tiraram o capuz, Kelsea viu que eram bem mais velhos do que ela; aqueles homens deviam ter trinta ou quarenta anos, e exibiam uma expressão séria e calejada, que refletia a realidade árdua dos combates. O soldado com a clava murmurou alguma coisa, e as mãos dos outros foram automaticamente ao punho das espadas.

— Melhor que seja rápido — disse um sujeito alto e magro cujo tom de voz autoritário sugeria que fosse o líder.

Ele avançou e bateu três vezes na porta, que foi aberta prontamente, como se Barty estivesse de pé do outro lado. Mesmo de onde estava, Kelsea percebeu que o rosto redondo de Barty estava franzido, e seus olhos, vermelhos e inchados. Ele a mandara para a floresta naquela manhã, relutante em deixá-la presenciar sua tristeza. Kelsea protestara, mas Barty não lhe dera atenção, decidindo simplesmente empurrá-la porta afora e dizer:

— Vá se despedir da floresta, menina. É provável que demore muito para deixarem você andar por aí sozinha outra vez.

Então Kelsea passara a manhã perambulando pela floresta, subindo em troncos caídos e parando de vez em quando para escutar a calmaria, aquele silêncio perfeito, tão destoante da abundância de vida que o bosque continha. Ela até capturou um coelho para se distrair, libertando-o logo depois; Barty e Carlin não estavam precisando de carne, e ela não sentia prazer algum em matar. Observando o animal escapulir e sumir na floresta onde ela passara a maior parte da infância, Kelsea experimentou dizer a palavra outra vez, embora a sensação fosse a de estar com a boca cheia de terra: *rainha*. Uma palavra agourenta, presagiando um futuro sombrio.

— Barty — saudou o líder da tropa. — Há quanto tempo.

Barty murmurou algo incompreensível.

— Viemos buscar a garota.

Barty assentiu, levou dois dedos à boca e assoprou, um assobio agudo e penetrante. Kelsea desceu da árvore sem fazer ruído e deixou a proteção da floresta com o coração martelando. Ela sabia usar a faca para se defender, caso fosse atacada; Barty cuidara disso. Mas a tropa armada até os dentes a intimidava: sentia os olhares avaliadores de todos aqueles homens sobre si. Não se parecia em nada com uma rainha e sabia disso.

O líder, um homem de rosto austero com uma cicatriz no queixo, fez uma mesura diante dela.

— Alteza. Sou Carroll, capitão da Guarda da falecida rainha.

Um instante se passou antes que os demais também fizessem uma reverência. O homem com a clava se curvou apenas alguns centímetros, o queixo movendo-se em um gesto quase imperceptível.

— Precisamos ver a marca — murmurou um dos guardas, o rosto parcialmente oculto atrás da barba ruiva. — E a joia.

— Acha mesmo que eu ia passar a perna no reino, homem? — irritou-se Barty.

— Ela não se parece em nada com a mãe — retrucou o homem de barba ruiva.

Kelsea ruborizou. Segundo Carlin, a rainha Elyssa tinha a beleza clássica de Tearling; alta, loura e graciosa. Kelsea também era alta, mas de pele morena, e com um rosto que era, na melhor das hipóteses, comum. Também estava longe de ter um físico escultural; fazia muito exercício, mas possuía um grande apetite.

— Ela tem os olhos dos Raleigh — comentou outro guarda.

— Prefiro ver a joia e a cicatriz — respondeu o líder, e o ruivo balançou a cabeça, concordando.

— Mostre a eles, Kel.

Kelsea puxou o pingente de safira de dentro da camisa e o ergueu contra a luz. Aquela joia estivera em torno de seu pescoço desde sempre, e no momento o que mais queria era arrancar aquilo e devolvê-la aos guardas. Mas Barty e Carlin já haviam explicado que nunca lhe permitiriam fazer isso. Kelsea era a princesa coroada de Tearling e estava fazendo dezenove anos, a idade em que os monarcas de Tearling ascendiam ao trono desde a época de Jonathan Tear. Se fosse preciso, a Guarda da Rainha iria arrastá-la para a Fortaleza contra sua vontade e a amarraria ao trono, onde permaneceria sentada, em meio a veludo e seda, até ser assassinada.

O Líder assentiu ao ver a joia, e Kelsea puxou a manga esquerda do manto, expondo o antebraço, onde uma cicatriz alongada na forma de uma lâmina ia do pulso até o bíceps. Um ou dois homens começaram a murmurar ao ver a marca, as mãos que seguravam as armas relaxando pela primeira vez desde que haviam chegado.

— Então é isso — declarou Carroll, ríspido. — Em marcha!

— Esperem um instante.

Carlin apareceu na porta, tirando Barty do caminho com um toque delicado. Ela fez isso usando os pulsos, não os dedos; a artrite devia estar muito ruim naquele dia. Sua aparência estava impecável como sempre, o cabelo branco preso com esmero. Kelsea ficou surpresa em ver que os olhos dela também estavam um pouco vermelhos. Carlin não era de chorar; raramente demonstrava qualquer emoção.

Vários guardas se empertigaram aovê-la. Alguns chegaram a dar um passo para trás, incluindo o sujeito com a clava. Kelsea sempre achara que Carlin possuía certo ar de nobreza, mas ficou surpresa ao ver aqueles homens, armados com espadas, sentir-se intimidados por uma mulher idosa.

*Graças a Deus isso não acontece só comigo.*

— Mostrem que são quem dizem ser! — exigiu Carlin. — Como podem provar que vêm mesmo da Fortaleza?

— Quem mais saberia onde encontrá-la neste dia? — perguntou Carroll.

— Assassinos.

Vários soldados riram de maneira rude, mas o homem com a clava deu um passo à frente, procurando algo no interior do manto.

Carlin o encarou por um instante.

— Eu conheço você.

— Trouxe as instruções da rainha — disse ele, puxando um envelope grosso, amarelado pelo tempo. — Caso tenha esquecido.

— Duvido que alguém possa se esquecer de você, Lazarus — respondeu Carlin, a voz carregada de desaprovação. Ela abriu o documento rapidamente, embora sua artrite devesse ter doído um bocado, e examinou o conteúdo. Kelsea observou a carta, fascinada. Sua mãe estava morta há muito tempo e, no entanto, ali estava algo que ela escrevera, que tivera nas mãos.

Carlin pareceu satisfeita e estendeu a carta de volta para o guarda.

— Kelsea precisa pegar seus pertences.

— Temos apenas alguns minutos, Alteza. Precisamos partir. — Carroll falou diretamente com Kelsea, voltando a fazer uma medida, e a menina percebeu que ele já dispensara a presença de Carlin.

Carlin também notara a mudança; seu rosto parecia feito de pedra. Kelsea muitas vezes desejou que Carlin expressasse alguma raiva, em vez de se recolher naquele silêncio frio e remoto. Os silêncios de Carlin eram uma coisa terrível.

Kelsea passou pelos cavalos e entrou no chalé. Suas roupas já estavam guardadas em alforjes, mas ela não fez menção de pegá-los, rumando para a biblioteca de Carlin. As paredes eram cobertas de livros do chão ao teto; o próprio Party construiria as estantes, com carvalho de Tearling, e as presentearia a Carlin no Natal, quando Kelsea tinha quatro anos. Possuía apenas lembranças vagas daquela época, mas esse dia era nítido em sua mente: ela ajudara Carlin a arrumar os livros e chorara um pouco quando a mulher não a deixou organizá-los por cor. Vários anos se passaram, mas Kelsea ainda adorava os livros, adorava vê-los lado a lado, cada volume em seu devido lugar.

Mas a biblioteca também servira como sala de aula, o que muitas vezes se provou desagradável. Conceitos matemáticos básicos, gramática da língua tear, geografia e, mais tarde, as línguas dos países vizinhos, com seus sotaques esquisitos, no começo difíceis, depois mais fáceis, mais rápidos de aprender, até Kelsea e Carlin conseguirem passar sem esforço de uma língua para outra, pulando de mort para cadarese e voltando à fala mais simples e menos dramática de Tearling sem deixar escapar uma sílaba. E, principalmente, história, a história da humanidade remontando a um tempo anterior à Travessia. Carlin dizia que história era tudo, pois era da natureza do homem repetir os mesmos erros. Ela dizia isso encarando Kelsea com uma expressão severa, as sobrancelhas brancas franzidas, pronta para dar um sermão. Carlin era justa, mas também rígida. Se

Kelsea completasse toda a lição até a hora do jantar, sua recompensa era pegar um livro na biblioteca e poder ficar acordada até terminar de lê-lo. As histórias de fantasia eram as que mais mexiam com Kelsea, histórias de coisas que nunca haviam acontecido, histórias que a levavam para longe do dia a dia imutável do chalé. Certa noite, ela ficara acordada até o amanhecer lendo um romance bastante longo e fora liberada de suas obrigações para dormir a maior parte do dia seguinte. Mas também houve meses inteiros em que Kelsea se cansou das aulas constantes e simplesmente desistiu. Então ficava sem os livros e sem a biblioteca, somente com as tarefas domésticas, a solidão e a desaprovação esculpida no rosto de Carlin. No fim, Kelsea sempre voltava às lições.

Barty fechou a porta e se aproximou, mancando. Muitos anos antes, ele fora membro da Guarda da Rainha, até que uma espada o cortara atrás do joelho, deixando-o coxo. Ele segurou o ombro dela com firmeza.

— Não pode enrolar, Kel.

Kelsea se virou e viu Carlin desviando o olhar para a janela. Diante do chalé, os soldados aguardavam inquietos, lançando olhares ansiosos na direção da floresta.

*Estão acostumados a lugares fechados,* pensou Kelsea. *O espaço aberto os deixa nervosos.* As implicações disso, a vida que a esperava na Fortaleza, deixaram-na atordoada, bem quando achava que já verteria todas as lágrimas que havia para chorar.

— Vivemos em uma época perigosa, Kelsea. — Carlin encarava a janela, a voz distante. — Não confie no regente, seja ele seu tio ou não; aquele homem deseja o trono desde antes de nascer. Mas os guardas de sua mãe são fiéis e sem dúvida cuidarão de você.

— Eles não gostam de mim, Carlin — desabafou Kelsea. — Você disse que me escoltar seria uma honra para eles, mas estão aqui contra a vontade.

Carlin e Barty se entreolharam, e Kelsea percebeu que o assunto já havia sido motivo para discussões. O casamento deles era estranho; Carlin tinha pelo menos dez anos a mais do que Barty, beirando os setenta. Não era difícil perceber que ela já havia sido bem bonita, mas, com o tempo, sua beleza se transformara em austeridade. Barty não era bonito; era mais baixo do que Carlin e bem mais rechonchudo, mas tinha um rosto alegre e olhos sorridentes sob o cabelo grisalho. Ele não se interessava por livros, e Kelsea muitas vezes se perguntava sobre o que ele e Carlin conversavam quando ela não estava por perto. Talvez sobre nada; talvez Kelsea fosse o elo que os mantinha unidos. Nesse caso, o que seria dos dois agora?

— Juramos a sua mãe que não lhe contaríamos sobre as falhas dela, Kelsea, e mantivemos nossa promessa. Mas nem tudo na Fortaleza será como você ima-

gina. Barty e eu lhe demos uma boa educação; esse era nosso dever. Mas, assim que se sentar no trono, terá de tomar as próprias decisões difíceis — disse Carlin, por fim.

Barty bufou em reprovação e se afastou mancando para pegar os alforjes de Kelsea. Carlin lançou-lhe um olhar cáustico que ele ignorou, e então se virou para Kelsea, franzindo as sobrancelhas. A menina baixou o rosto, sentindo um nó se formar na garganta. Certa vez, muito tempo antes, quando estavam no meio de uma aula na floresta sobre os usos do musgo-vermelho, Barty soltara do nada:

— Se dependesse de mim, Kel, eu quebrava esse maldito juramento e contava tudo que você quer saber.

— Por que não depende de você?

Barty olhou desoladamente para o musgo em suas mãos e, após um instante, Kelsea entendeu. Nada no chalé dependia de Barty; Carlin era quem dava as ordens. Carlin era mais inteligente, Carlin não tinha limitações físicas. Barty vinha em segundo lugar. Carlin não era cruel, porém Kelsea já fora esmagada pela vontade férrea da mulher vezes o bastante para compreender a amargura de Barty, podia quase senti-la também. Mas a vontade de Carlin prevalecera no chalé. Havia grandes lacunas no que Kelsea aprendera nas aulas de história, além de informações sobre o reinado de sua mãe que foram ignoradas de propósito. Fora mantida longe da aldeia e das respostas que poderia ter obtido ali; sua infância fora um verdadeiro exílio. Porém, em mais de uma ocasião escutara Barty e Carlin conversando tarde da noite, bem depois da hora em que ela supostamente deveria estar dormindo, e agora compreendia ao menos parte do mistério. Por vários anos a Guarda do Regente havia percorrido cada palmo do país à procura de uma criança com a joia e a cicatriz. À procura de Kelsea.

— Deixei um presente em seus alforjes — continuou Carlin, tirando-a de seus devaneios.

— Que presente?

— Você vai descobrir por si mesma depois que partir.

Por um momento, Kelsea sentiu a raiva voltar a aflorar; Carlin era sempre cheia de segredos! Mas logo depois ficou envergonhada. Barty e Carlin estavam sofrendo... não só por Kelsea, mas também por seu lar. Naquele exato minuto, os batedores do regente provavelmente estavam rastreando a Guarda da Rainha por todo o Tearling. Barty e Carlin não poderiam permanecer ali; pouco após a partida de Kelsea, eles também partiriam para Petaluma, uma aldeia no sul do país, próxima da fronteira de Cadare, onde Barty crescera. Barty se sentiria perdido sem sua floresta, mas havia outras florestas para ele explorar. Carlin estava fazendo o maior sacrifício: sua biblioteca. Aqueles livros eram a coleção de sua vida, mantidos a salvo pelos pioneiros durante a Travessia, preservados ao longo

de séculos. Não poderia levá-los consigo; seria fácil demais segui-los, se fossem de carroça. Todas aquelas obras seriam perdidas.

Kelsea pegou seu bornal e o pendurou no ombro antes de olhar pela janela para o décimo cavalo.

— Há tanta coisa que eu não sei.

— Você sabe o que precisa saber — respondeu Barty. — Está com sua faca?

— Estou.

— Fique com ela o tempo todo. E tome cuidado com o que come, e de onde vem a comida.

Ela o abraçou. A despeito do tamanho, Barty estava tremendo de fadiga, e Kelsea de repente percebeu quão exausto ele estava, como a criação que lhe dera consumira a energia que ele deveria ter conservado para quando envelhecesse. Seus braços grossos se apertaram em volta dela por um momento, e, então, ele recuou, com um brilho ardente nos olhos azuis.

— Você nunca matou ninguém, Kel, e isso é ótimo, mas de hoje em diante será uma pessoa visada, está entendendo? Precisa estar preparada.

Kelsea pensou que Carlin fosse refutar Barty, a Carlin que sempre dizia que força bruta era para os tolos. Mas ela assentiu em concordância.

— Eu a criei para ser uma rainha racional, Kelsea, e tenho certeza de que você vai superar minhas expectativas. Porém, neste momento, sua sobrevivência é prioridade. Custará muito a esses homens fazê-la voltar para a Fortaleza em segurança. No fim das contas, as lições de Barty vão ajudar muito mais do que as minhas.

A mulher se afastou da janela e colocou a mão com delicadeza nas costas de Kelsea, dando-lhe um pequeno susto. Carlin nunca tocava em ninguém. O máximo de que parecia ser capaz era dar tapinhas nas costas, e essas ocasiões eram tão raras quanto chuva no deserto.

— Mas não deixe que a confiança em armas prejudique seu julgamento, Kelsea. Seu juízo sempre foi apurado; cuidado para não perdê-lo no caminho. É fácil deixar-se levar quando se empunha uma espada.

O som surdo de um punho protegido por cota de malha ecoou na porta da frente.

— Vossa Alteza? — chamou Carroll. — Está escurecendo.

Barty e Carlin deram um passo para trás, e ele pegou o restante da bagagem de Kelsea. Ambos pareciam terrivelmente velhos. Kelsea não queria deixá-los ali, aqueles dois que a haviam criado e ensinado tudo que sabia. O lado irracional de sua mente considerou por um instante largar a bagagem no chão e simplesmente escapar pela porta dos fundos, uma fantasia luminosa e tentadora que durou dois segundos antes de desaparecer.

— Quando será seguro mandar uma mensagem para vocês? — perguntou Kelsea. — Quando poderão parar de se esconder?

Os dois se entreolharam, um olhar de relance que lhe pareceu muito furtivo. Foi Barty quem finalmente respondeu:

— Isso vai demorar um pouco, Kel. Veja bem...

— Você vai ter outras coisas com que se preocupar — interrompeu Carlin bruscamente. — Pense no seu povo, em consertar este reino. Pode demorar bastante até que voltemos a nos ver.

— Carlin...

— Hora de ir.

Os soldados haviam tornado a montar em seus cavalos. Quando Kelsea saiu do chalé, eles olharam para ela, um ou dois com franco desprezo. O soldado com a clava, Lazarus, a ignorou completamente, preferindo fitar algum ponto no horizonte. Kelsea pôs sua bagagem na sela do cavalo, na verdade uma égua ruana, que parecia de certa forma mais dócil do que o garanhão de Barty.

— Imagino que saiba montar, Alteza? — perguntou o soldado que segurava as rédeas para ela. Ele pronunciou a palavra *alteza* como se fosse uma doença, e Kelsea tomou as rédeas de sua mão.

— Sim, eu sei montar.

Ela passou as rédeas de uma mão para a outra para vestir o casaco verde de inverno e abotoá-lo, então montou no animal e olhou para Barty, tentando ignorar a horrível premonição de que nunca mais o veria. Ele aparecia ser mais velho do que realmente era, mas não havia motivo para crer que não viveria por muitos anos. E premonições em geral não davam em nada. Segundo Barty, a própria vidente da rainha de Mortmesne dissera que Kelsea não chegaria ao décimo nono aniversário, e, contudo, ali estava ela.

Sorriu para Barty com o que imaginava ser uma expressão corajosa.

— Mandarei notícias em breve.

Ele assentiu, abrindo também um sorriso radiante, porém forçado. Carlin empalidecera de tal modo que Kelsea achou que poderia desfalecer ali mesmo, mas em vez disso ela avançou e ofereceu a mão. O gesto foi tão inesperado que Kelsea demorou um tempo antes de se dar conta de que deveria segurá-la. Em todos aqueles anos no chalé, Carlin nunca tocara em sua mão.

— Um dia você vai entender — afirmou Carlin, apertando a mão da menina com força. — Vai entender por que tudo isso foi necessário. Cuidado com o passado, Kelsea. Reine com sabedoria.

Nem mesmo naquele momento Carlin falava com todas as letras. Kelsea sempre soubera não ser a criança que Carlin teria escolhido como discípula, que a decepcionara com seu temperamento rebelde e sua falta de compromisso

com a enorme responsabilidade que pesava sobre seus ombros. Kelsea recolheu a mão, então olhou para Barty e sentiu toda a sua irritação evaporar. Ele estava chorando sem reservas agora, o rastro das lágrimas brilhando no rosto. Kelsea sentiu os próprios olhos querendo marejar outra vez, mas puxou as rédeas e virou o cavalo na direção de Carroll.

— Podemos ir agora, capitão.

— Às suas ordens, Alteza.

Ele agitou as rédeas e começou a andar pela trilha.

— Soldados, formação de losango, protejam a rainha! — bradou por cima do ombro. — Cavalgaremos até o sol se pôr.

*Rainha.* Lá estava aquela palavra outra vez. Kelsea tentou pensar em si mesma como uma rainha e simplesmente não conseguiu. Acelerou a marcha para acompanhar os guardas, determinada a não olhar para trás. Virou-se apenas uma vez, pouco antes de dobrarem a curva, e viu que Barty e Carlin continuavam na entrada do chalé, observando-a partir, como um casal de lenhadores em um antigo conto de fadas. Então as árvores ocultaram-nos de vista.

A égua de Kelsea parecia ser resistente, pois enfrentou o terreno irregular com confiança. O garanhão de Barty sempre tivera problemas na floresta; Barty dizia que seu cavalo era um aristocrata, e que qualquer coisa inferior a uma estrada de terra batida não estava a sua altura. Mas mesmo no garanhão, Kelsea nunca se aventurara mais do que alguns poucos quilômetros além do chalé. Eram ordens de Carlin. Sempre que Kelsea falava com anseio das coisas que sabia existir no mundo lá fora, Carlin enfatizava a necessidade do sigilo, a importância da posição que herdaria. Ela não tinha a menor paciência com o medo que Kelsea tinha de fracassar. Carlin não queria saber de suas dúvidas. O trabalho de Kelsea era aprender; se contentar em crescer sem outras crianças, sem outras pessoas, sem o mundo lá fora.

Certa vez, quando tinha treze anos, Kelsea entrara na floresta com o garanhão de Barty, como de costume, e se perdera, indo parar em um trecho desconhecido da mata. Ela não conhecia as árvores ou os dois regatos pelos quais passara. Acabara andando em círculos e estava prestes a desistir e começar a chorar quando viu um rastro de fumaça de chaminé no horizonte, a cerca de trinta metros de distância.

Ao se aproximar, encontrou um chalé, mais pobre do que o de Barty e Carlin, feito de madeira em vez de pedra. Diante da cabana havia dois meninos pequenos, alguns anos mais novos do que Kelsea, duelando com espadas de brinquedo, e a menina ficou a observá-los por muito tempo, percebendo algo que nunca considerara antes: uma criação completamente diferente da sua. Até aquele momento, Kelsea achara que todas as crianças tinham a vida igual à dela. As roupas dos

garotos eram esfarrapadas, mas ambos usavam blusas de aparência confortável, com mangas curtas que iam até o cotovelo. Kelsea só podia usar blusas de gola alta com mangas compridas e justas, para não correr o risco de que algum desconhecido visse seu braço ou o colar que não tinha permissão de tirar. Ela ficou escutando a conversa dos meninos e percebeu que mal sabiam falar tear corretamente; ninguém lhes dera aulas diárias, muito menos os forçaram a aprender a gramática. Já passava do meio-dia, mas eles não estavam na escola.

— Tu é mort, Emmett. Eu é tear! — proclamou o mais velho, orgulhoso.

— Eu não é mort! Os mort é baixinho! — berrou o menor. — A mamãe falou que é pra eu também ser tear às vezes!

— Tá bom. Tu é tear, mas eu usa magia!

Depois de observar os dois por algum tempo, Kelsea se deu conta da verdadeira diferença, o que chamara sua atenção: aquelas crianças tinham uma à outra. Ela estava a apenas cinquenta metros deles, mas a amizade entre os dois meninos a fez se sentir distante como a lua. A distância só fez aumentar quando a mãe deles, uma mulher rechonchuda sem um pingo da graça majestosa de Carlin, saiu e os chamou para jantar.

— Ei! Martin! Vem se lavar!

— Não! — retrucou o pequeno. — Nós não terminou.

Pegando um graveto em uma pilha no chão, a mãe entrou no meio da brincadeira, duelando com os dois, que deram risadinhas e gritinhos. Por fim, a mãe puxou ambos e os segurou junto ao corpo enquanto entravam em casa, abraçando os dois ao mesmo tempo. O anoitecer se aproximava, e embora Kelsea soubesse que deveria tentar encontrar o caminho de volta para casa, não conseguia se afastar da cena. Carlin não demonstrava afeição, nem mesmo para Barty, e o máximo que Kelsea podia esperar receber era um sorriso. Ela era a herdeira do trono tear, de fato, e Carlin lhe contara inúmeras vezes sobre a grande e importante honra que isso representava. Mas no longo trajeto de volta, Kelsea não conseguiu deixar de sentir que aquelas duas crianças eram mais afortunadas do que ela.

Quando enfim encontrou o caminho para casa, havia perdido a hora de jantar. Barty e Carlin estavam mortos de preocupação; Barty ralhara um pouco, mas por trás dos gritos Kelsea podia ver o alívio em seu rosto, e ele lhe dera um abraço antes de mandá-la para o quarto. Carlin apenas olhara feio para Kelsea antes de informá-la de que seus privilégios na biblioteca estavam revogados pelo resto da semana. Naquela noite, deitada na cama, Kelsea ficara paralisada com a revelação de que fora completa e monstruosamente trapaceada. Antes desse dia, Kelsea pensava em Carlin como sua mãe de criação, quando não mãe de fato. Mas agora compreendia que não tinha mãe, apenas uma velha fria e exigente que ocultava a verdade.

Dois dias depois, Kelsea transgrediu os limites impostos por Carlin outra vez, agora de propósito, pretendendo encontrar o chalé na floresta mais uma vez. Porém, desistiu e deu meia-volta quando estava na metade do caminho. A desobediência não era gratificante, mas sim aterrorizante; ela parecia sentir os olhos de Carlin em sua nuca. Kelsea nunca mais voltara a desafiar os limites, então não conheceu o resto do mundo. Toda a sua experiência vinha da floresta em torno do chalé, e ela já conhecia cada palmo do terreno quando completara dez anos. Agora, com os guardas aprofundando-se na floresta, com Kelsea no centro do agrupamento, ela sorriu por dentro e voltou sua atenção para o território que nunca conhecera.

Caílgavam para o sul pelo coração da floresta Reddick, que cobria centenas de quilômetros quadrados na região noroeste do país. Havia carvalho tear por toda parte, e algumas árvores tinham quase vinte metros de altura, formando um dossel verdejante que se espalhava acima da cabeça deles. Havia também um pouco de vegetação rasteira, desconhecida de Kelsea. Os galhos pareciam com os de raiz-trepadeira, que possuía propriedades anti-histamínicas e era boa para fazer cataplasmas. Mas essas folhas eram mais longas, verdes e curvadas, com um matiz vermelho que alertava para urticária. Kelsea tentou evitar que a égua entrasse por essa folhagem, mas em alguns lugares foi impossível; a mata ficava cada vez mais densa à medida que o terreno se inclinava encosta abaixo. Agora estavam longe da trilha, mas enquanto os cascos pisoteavam o tapete dourado de folhas de carvalho caídas, Kelsea teve a sensação de que o mundo inteiro seria capaz de escutá-los passando.

Os guardas mantinham a formação de losango em torno dela, permanecendo equidistantes mesmo com as mudanças de velocidade exigidas pelo terreno irregular. Lazarus, o guarda com a clava, estava em algum lugar às suas costas, fora de vista. A sua direita ficava o guarda desconfiado da barba ruiva. Kelsea observava-o com interesse genuíno enquanto cavalgavam. Cabelos ruivos eram um gene recessivo e, nos três séculos desde a Travessia, foram se perdendo de maneira lenta e gradual entre a população. Carlin contara a Kelsea que algumas mulheres, e mesmo alguns homens, gostavam de tingir o cabelo de vermelho, já que sua raridade o tornava um tom valorizado. Mas depois de uma hora de olhares furtivos para o guarda, Kelsea tinha certeza de que estava olhando para uma cabeça autenticamente ruiva. Não existia uma tintura tão boa quanto aquela. O homem usava um pequeno crucifixo de ouro que balançava e cintilava com o movimento do cavalo, e isso também fez Kelsea hesitar. O crucifixo era o símbolo da Igreja de Deus, e Carlin a advertira inúmeras vezes de que a Igreja e seus padres não eram confiáveis.

Atrás do ruivo seguia um homem louro, de beleza tão extraordinária que Kelsea se sentia compelida a olhá-lo toda hora, por mais que ele fosse bem mais

velho, beirando os cinquenta anos. O rosto era como os das pinturas de anjos nos livros de Carlin sobre a arte pré-Travessia. Mas o guarda também parecia cansado, os olhos circundados por manchas escuras que sugeriam noites insônes. De algum modo, os sinais de exaustão só serviam para deixá-lo mais belo. Ele se virou e a pegou olhando, e Kelsea desviou o rosto para a frente na mesma hora, sentindo o sangue inflamar as bochechas.

A sua esquerda havia um guarda alto, de cabelo preto e ombros enormes. Parecia o tipo de homem que uma pessoa usaria para ameaçar outra. À frente dele seguia um sujeito bem mais baixo, quase magro, com cabelo castanho-claro. Kelsea observou esse guarda detidamente, pois parecia mais próximo de sua idade, talvez nem tivesse chegado aos trinta ainda. Ela tentou descobrir seu nome, mas sempre que os dois falavam, era em um tom de voz muito baixo, claramente não querendo ser escutados.

Carroll, o líder, ia à frente da formação. Tudo que Kelsea podia enxergar dele era seu manto cinza. De tempos em tempos, bradava uma ordem, e a companhia inteira dava uma guinada de rumo. Ele cavalgava com confiança, sem procurar a orientação de ninguém, e Kelsea confiou nele para levá-la a seu destino. A capacidade para liderar era provavelmente uma qualidade necessária em um capitão da guarda; Carroll era um homem a quem ela precisaria se aliar para sobreviver. Mas como poderia conquistar a lealdade daqueles homens? Eles provavelmente a achavam fraca. Talvez achassem que todas as mulheres eram fracas.

Um falcão gritou em algum lugar no céu, e Kelsea puxou o capuz para cobrir o rosto. Falcões eram criaturas lindas, e boas para comer, também, mas Barty lhe contara que em Mortmesne, e até na fronteira tear, falcões eram treinados como armas de assassinato. Ele mencionara isso de passagem, como uma curiosidade, mas era algo do qual Kelsea nunca se esquecera.

— Para o sul, rapazes! — comandou Carroll, e a companhia mudou de direção outra vez. O sol se punha rapidamente no horizonte, e o vento ia ficando gelado conforme a noite se aproximava. Kelsea esperava que o grupo parasse para descansar em breve, mas preferia congelar em sua sela a se queixar. A lealdade começava com o respeito.

— Nenhum soberano deteve o poder por muito tempo sem o respeito de seus governados — disse-lhe Carlin incontáveis vezes. — Soberanos que tentam controlar uma população descontente não governam nada e terminam com a cabeça na ponta de uma lança.

O conselho de Barty fora ainda mais sucinto.

— Se não conquistar seu povo, vai perder seu trono.

Palavras sensatas, e Kelsea via sua sabedoria com mais clareza, agora. Mas não tinha ideia do que fazer. Como poderia dar ordens para quem quer que fosse?

*Tenho dezenove anos. Eu não deveria mais sentir medo.*

Mas sentia.

Segurou as rédeas com mais força, desejando ter calçado as luvas de equitação, mas ficara ansiosa demais para se afastar da cena desconfortável diante do chalé. Agora as pontas de seus dedos estavam dormentes, e as palmas de suas mãos, esfoladas e vermelhas devido ao contato com o couro áspero das rédeas. Fez o melhor que pôde para puxar as mangas de seu manto até os nós dos dedos e seguiu em frente.

Uma hora depois, Carroll ordenou à companhia que parasse. Estavam em uma pequena clareira, orlada com carvalhos tear e com uma espessa camada de vegetação rasteira, composta de raiz-trepadeira e daquela misteriosa planta de folhas vermelhas. Kelsea se perguntou se um dos guardas saberia o que era. Toda unidade da Guarda da Rainha contava com pelo menos um médico, e era de esperar que médicos tivessem conhecimento sobre plantas. Barty fora médico e embora não devesse estar ensinando botânica para Kelsea, ela rapidamente aprendera que quase qualquer aula podia ser interrompida pela descoberta de alguma planta interessante.

Os guardas fecharam o cerco em torno de Kelsea e aguardaram até Carroll dar meia-volta. Ele trotou até ela, avaliando seu rosto avermelhado e o aperto extremo nas rédeas.

— Podemos passar a noite aqui, se desejar, Alteza. Nós avançamos bastante.

Com algum esforço, Kelsea soltou as rédeas e puxou o capuz para trás, tentando não bater os dentes. Sua voz soou rouca e falhada:

— Confio na sua decisão, capitão. Podemos prosseguir até onde achar necessário.

Carroll a encarou por um momento e então passou os olhos pela pequena clareira.

— Aqui está bom, Lady. Precisamos levantar cedo, de qualquer forma, e estamos na estrada há muito tempo.

Os homens apareceram. Kelsea, com o corpo dolorido e desacostumado a cavalgar por tanto tempo, só conseguiu dar um pulinho desajeitado para o chão, quase caiu, depois cambaleou até recuperar o equilíbrio.

— Pen, monte a tenda. Elston e Kibb, vão buscar lenha. O restante de vocês, encarreguem-se de defender o perímetro. Mhurn, vá procurar alguma coisa para comermos. Lazarus, cuide do cavalo da rainha.

— Eu mesma posso cuidar do meu cavalo, capitão.

— Como quiser, Lady. Lazarus vai providenciar o que Vossa Alteza necessitar.

Os soldados se dispersaram, passando a se concentrar em suas várias tarefas. Kelsea curvou-se para baixo, relaxando a coluna, que estalou. Suas coxas

doíam como se tivesse levado uma surra, mas não ia fazer nenhum alongamento mais sério diante de todos aqueles homens. Eles eram velhos, decerto, velhos demais para que ela os achasse atraentes. Mas eram *homens*, e Kelsea sentiu-se de repente desconfortável na frente deles, de uma maneira que nunca experimentara com Barty.

Ao conduzir sua égua até uma árvore no extremo mais distante da clareira, ela prendeu as rédeas em um galho com um nó frouxo. Afagou a crina sedosa do animal suavemente, mas a égua inclinou a cabeça e relinchou, relutando em ser acariciada, e Kelsea recuou.

— Tudo bem, garota. Acho que vou precisar conquistar sua boa vontade também.

— Alteza — chamou uma voz rouca às suas costas.

Kelsea virou-se e viu Lazarus, segurando uma escova para cavalos. Ele não era tão velho quanto ela pensara inicialmente; seu cabelo escuro mal começara a rarear, e o guarda talvez tivesse pouco mais de quarenta anos. Mas seu rosto era bem marcado, com uma expressão sombria. Suas mãos possuíam muitas cicatrizes, mas foi a clava em seu cinto que atraiu o olhar de Kelsea: uma bola de ferro coberta de dentes de aço afiados.

*Um assassino nato*, pensou. A clava era meramente um acessório decorativo, a não ser quando manuseada com a ferocidade que a tornava eficaz. A visão da arma poderia ter lhe dado calafrios, mas em vez disso sentiu-se tranquilizada pela presença daquele homem que claramente vivera em meio à violência grande parte de sua vida. Ela pegou a escova, notando que ele mantinha o rosto voltado para o chão.

— Obrigada. Imagino que não saiba o nome da égua.

— Você é a rainha, Lady. O nome é de sua escolha. — Seu olhar inexpressivo cruzou com o dela brevemente, antes de ele se desviar.

— Não cabe a mim lhe dar um novo nome. Como ela se chama?

— Cabe a você chamá-la como bem lhe aprovou.

— O nome dela, por favor.

Kelsea começou a perder a paciência. Todos aqueles homens a tinham em tão baixa conta. Por quê?

— Nenhum nome especial, Lady. Sempre a chamei de May.

— Obrigada. É um bom nome.

Ele começou a se afastar. Kelsea respirou fundo para criar coragem e disse com suavidade:

— Ainda não o dispensei, Lazarus.

Ele deu meia-volta, impassível.

— Sinto muito. Mais alguma coisa, Lady?

— Por que me trouxeram uma égua, quando todos montam em garanhões?

— Não sabíamos se Vossa Alteza sabia montar — respondeu ele, e dessa vez o tom de zombaria em sua voz foi inequívoco. — Não sabíamos se conseguiria controlar um garanhão.

Kelsea estreitou os olhos.

— O que acharam que fiquei fazendo na floresta todos esses anos?

— Brincando de boneca, Lady. Arrumando o cabelo. Experimentando vestidos, talvez.

— Eu *pareço* uma menina delicada a seus olhos, Lazarus? — Kelsea sentiu sua voz se elevando. Várias cabeças se voltaram na direção deles. — Pareço alguém que passa horas na frente de um espelho?

— De modo algum.

Kelsea sorriu, um sorriso frágil que exigiu certo esforço. Barty e Carlin nunca tiveram espelhos em casa, e por muito tempo Kelsea pensara que era para impedi-la de se tornar uma pessoa vaidosa. Mas um dia, quando tinha doze anos, vira seu rosto refletido em um laguinho translúcido atrás do chalé e comprehendera perfeitamente. Seu reflexo era tão insípido quanto a água que fitava.

— Estou dispensado, Lady?

Ela o encarou por um instante, considerando, então respondeu:

— Depende, Lazarus. Tenho um alforje cheio de bonecas e vestidos para brincar. Você quer arrumar meu cabelo?

Ele ficou em silêncio, os olhos negros inescrutáveis. Então, de súbito, fez uma mesura, um gesto exagerado demais para ser sincero.

— Pode me chamar de Clava, se quiser, Lady. Quase todo mundo chama.

Em seguida o homem se foi, seu manto cinza-claro desaparecendo nas sombras do crepúsculo. Kelsea lembrou-se da escova em sua mão e se virou para cuidar da égua, a mente trabalhando tão rápido quanto uma criatura selvagem.

*Talvez a ousadia os conquiste.*

*Você nunca vai conquistar o respeito dessas pessoas. Terá sorte se não morrer antes de chegar à Fortaleza.*

*Talvez. Mas tenho de tentar alguma coisa.*

*Assim até parece que você tem opções. Só pode fazer o que eles mandam.*

*Sou a rainha. Ninguém manda em mim.*

*Isso é o que a maioria das rainhas pensa até o momento em que o machado desce.*

O jantar foi carne de veado, fibrosa e quase impossível de comer depois de assada na fogueira. O animal devia ser muito velho. Kelsea vira apenas alguns

pássaros e esquilos na marcha pela floresta Reddick, embora a folhagem fosse luxuriante; deveria haver muita água. Kelsea queria perguntar aos homens sobre a ausência de animais, mas ficou apreensiva de que isso pudesse ser tomado como uma queixa quanto à refeição. Por isso, mastigou a carne dura em silêncio e se esforçou para não encarar os guardas a seu redor nem as armas penduradas em seus cintos. Os homens não conversavam, e Kelsea não pôde deixar de desconfiar que o silêncio deles era por sua causa, era sua presença que os impedia de conversar como fariam normalmente.

Após o jantar, ela se lembrou do presente de Carlin. Pegando um dos diversos lampiões acesos em torno da fogueira, foi buscar o bornal na sela da égua. Dois guardas, Lazarus e o sujeito alto de ombros largos que observara na marcha, deixaram a roda junto ao fogo e a seguiram até a baia improvisada, seus passos quase silenciosos. Depois de anos de solidão, Kelsea percebeu que provavelmente nunca mais ficaria sozinha outra vez. Talvez a ideia devesse lhe trazer algum conforto, mas sentiu apenas um frio na barriga. Ela se recordou de um fim de semana quando tinha sete anos e Barty estivera se preparando para viajar até a aldeia, para vender carne e peles. Ele fazia essa viagem a cada três ou quatro meses, mas dessa vez Kelsea decidira que queria ir junto, queria tanto que acreditou honestamente que morreria se não fosse. Fez a maior cena no tapete da biblioteca, derramando lágrimas e gritando, chegando até a bater os pés no chão, frustrada.

Carlin não tinha a menor paciência para dramas; tentou argumentar com Kelsea apenas por alguns minutos antes de desaparecer na biblioteca. Foi Barty quem secou suas lágrimas e a sentou em seu joelho até que se cansasse de chorar.

— Você é valiosa, Kel — disse ele. — Tão valiosa quanto as peles, ou quanto ouro. E se alguém souber que estamos com você aqui, vai tentar roubá-la de nós. Você não ia querer isso, ia?

— Mas se ninguém sabe que estou aqui, então eu estou sozinha — respondeu Kelsea, soluçando. Tinha plena certeza dessa afirmação: se ela era um segredo, então estava só.

Barty balançou a cabeça, com um sorriso.

— É verdade, Kel, ninguém sabe que está aqui. Mas o mundo inteiro sabe quem você é. Pense nisso: como pode estar sozinha quando o mundo todo lá fora pensa em você todos os dias?

Mesmo aos sete anos, Kelsea soubera que a resposta de Barty foi extremamente evasiva. Fora o suficiente para secar suas lágrimas e aplacar sua fúria, mas muitas vezes nas semanas subsequentes examinara com cuidado o que ele dissera, procurando uma falha que sabia que estava lá. Foi apenas cerca de um ano mais tarde, lendo um dos livros de Carlin, que descobriu a palavra que es-

tivera procurando o tempo todo: não estava sozinha, mas era anônima. Ela fora mantida no anonimato por todos aqueles anos, e durante muito tempo pensara que Carlin, se não Barty, a escondera por crueldade. Mas agora, com os dois homens altos no seu encalço, passou a considerar o anonimato uma espécie de bênção. Nesse caso, era uma bênção perdida para sempre.

Os homens dormiriam em torno da fogueira, mas haviam montado uma tenda para Kelsea, a cerca de seis metros dos limites da clareira. Quando entrou e amarrou as abas para fechá-la, escutou dois guardas se postando de ambos os lados da abertura e, depois disso, o silêncio sobreveio.

Largando a bagagem no chão, Kelsea vasculhou as roupas até encontrar um envelope de pergaminho branco, um dos poucos luxos de Carlin. Algo se mexeu e escorregou ali dentro. Kelsea sentou-se no leito e ficou olhando para a carta, desejando que estivesse cheia de respostas. Ela fora levada da Fortaleza quando mal havia completado um ano de idade e não tinha lembrança alguma de sua mãe verdadeira. Ao longo dos anos, conseguira juntar alguns fatos sobre a rainha Elyssa: ela era linda, não gostava de ler, morreu quando tinha vinte e oito anos. Kelsea não fazia ideia de como a mãe falecera; isso era um assunto proibido. Todo questionamento que fazia sobre sua mãe terminava do mesmo jeito: Carlin balançando a cabeça e murmurando “Eu prometi”. Fosse lá o que Carlin prometera, talvez tivesse chegado ao fim nesse momento. Kelsea olhou para o envelope por mais um bom tempo, então o pegou e quebrou o lacre de Carlin.

De dentro do envelope caiu uma joia azul em uma corrente de prata.

Kelsea pegou a corrente e a segurou nos dedos, observando a peça à luz do lampião. Era idêntica ao colar que carregara toda a vida no pescoço: uma safira com lapidação de esmeralda em uma corrente de prata delicada, quase frágil. A safira cintilou à luz das chamas, projetando reflexos luminosos no interior da tenda.

Segurou o envelope outra vez, procurando alguma carta. Nada. Olhou nos dois cantos. Ergueu o envelope, inclinando-o contra a luz, e viu uma única palavra escrita do lado de dentro, sob o selo, com a letra de Carlin.

### *Cuidado.*

Uma súbita explosão de risadas perto da fogueira assustou Kelsea. Com o coração disparado, ficou de ouvidos atentos para algum som vindo dos dois guardas junto à tenda, mas não escutou nada.

Tirou o colar do pescoço e segurou as duas gemas lado a lado. Eram de fato idênticas, peças perfeitamente gêmeas, até os mínimos detalhes das correntes. Seria muito fácil confundir as duas. Kelsea rapidamente pôs o próprio colar de volta.

Levantou o novo colar outra vez, observando com perplexidade a joia balançar para a frente e para trás. Carlin lhe dissera que todo herdeiro do trono tear usava a safira desde o nascimento. A crença popular dizia que a joia era uma espécie de talismã de proteção contra a morte. Quando Kelsea era mais nova, pensara mais de uma vez em arrancar o colar, mas a superstição levara a melhor; e se fosse fulminada por um raio ali mesmo? Então nunca teve coragem de tirá-lo. Carlin jamais mencionara a existência de uma segunda joia, no entanto; devia tê-la guardado esse tempo todo. Segredos... com Carlin, tudo era sigiloso. Kelsea não sabia por que confiaram a Carlin sua criação, nem mesmo quem Carlin fora antes disso. Alguém importante, Kelsea presumia; Carlin se portava com demasiada magnificência para morar em um chalé. Até a presença de Barty parecia se desvanecer quando Carlin entrava no ambiente.

Kelsea olhou para a mensagem escrita dentro do envelope: *Cuidado*. Seria mais um lembrete para que fosse cuidadosa em sua nova vida? Kelsea achava que não; ela já ouvira tudo que havia para ouvir sobre essa questão nas últimas semanas. Parecia mais provável que o novo colar fosse diferente de algum modo, talvez até perigoso. Mas como? O colar de Kelsea não era perigoso; se assim fosse, Barty e Carlin nunca permitiriam que ela o usasse todos os dias.

Ela olhou para a joia gêmea, mas o pingente simplesmente ficou ali pendurado, quase presunçoso, a luz fraca do lampião refletindo em suas inúmeras facetas. Sentindo-se tola, Kelsea guardou o colar no bolso interno do manto. Talvez à luz do dia fosse mais fácil ver alguma diferença entre os dois. Ela enfiou o envelope no lampião e observou as chamas devorarem o papel grosso, sua mente palpitando com uma raiva latente. Era típico de Carlin oferecer mais perguntas do que respostas.

Ela se espreguiçou, olhando para o teto da tenda. Apesar dos homens lá fora, sentia-se isolada. Em todas as outras noites de sua vida, soubera que Barty e Carlin estavam no andar de baixo, ainda acordados, Carlin lendo um livro e Barty entalhando alguma coisa ou brincando com alguma planta que encontrara, trabalhando suas misturas para descobrir algum anestésico ou antibiótico útil. Agora Barty e Carlin estavam longe, já rumando para o sul.

*Estou por conta própria.*

Outro ruído baixo de risadas veio da fogueira. Kelsea ponderou brevemente se deveria sair e tentar ao menos conversar com os guardas, mas logo descartou a ideia. Os assuntos deles eram mulheres, batalhas ou talvez antigos companheiros... sua presença não seria bem-vinda. Além do mais, estava exausta da viagem e do frio, e os músculos de suas coxas doíam horrivelmente. Apagou o lampião com um sopro e virou de lado para esperar um sono agitado.